

12-04-2021

VOCÊ SERIA AMIGO DE ALGUÉM QUE DEFENDE A DITADURA?

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

– Você seria amigo de alguém que defende a ditadura? – essa foi a pergunta estimulada num papo que tive com o meu primo/irmão/amigo Donizette Soares. A pergunta voltou a nós.

Lembro de Donizette seguir o mesmo caminho de outro irmão/amigo, Welington Ribeiro da Silva, para o qual, nesse caso, não há concessão: não é possível ser amigo de alguém com essa índole de maldade.

Os defensores de ditadura - sabemos! - não serão perdoados pela história. Como se sabe, a história não perdoa os déspotas. Não perdoa também os bajuladores da maldade, da iniquidade, dos covardes. Não perdoará os defensores da ditadura.

Mas os ditadores e os bajuladores de ditaduras terão destino pior. Logo serão codificados com a sua marca essencial: a fraqueza. Todo ditador é um fraco, tão fraco que não consegue dialogar, não consegue ouvir o outro. Fechado em si mesmo, magoado com a própria fragilidade, frágil para o amor e para a solidariedade, empunha armas, comete assassinato, persegue, amedronta. Torna-se a cópia do demônio humano. O ditador é um autoritário; vive, ele próprio, na redoma do medo disfarçado com a batuta do moralismo. Em muitos casos, ou na maioria, se diz cristão, religioso. Diz mil vezes a palavra “jesus” para manter a desigualdade social; para ser arauto da injustiça, para acovardar-se diante da elite internacional, das grandes corporações capitalistas, dos que amealham a vida de doença e sangue.

Por isso, a sua violência, sinal de fragilidade humana, é uma forma de conservar um mundo injusto. Conservando-o, quer a regalia da força, não a alegria do samba, a festa da fraternidade, a abertura da aprendizagem. Desvia-se da bondade para não enxergar a própria mágoa. Tosco e rude, o ditador substitui o gozo do amor pelo gozo da truculência. Perverso, perverte, lá na frente, a felicidade dos seus filhos, netos e netas. Sangra o mundo e o deixa mais infeliz. Comemora com o seu equívoco...

Comemora com a sua própria derrota de humanidade. É um frágil. O psicanalista marxista Hélio Pellegrino, numa crônica-ensaio, compreendeu por que os ditadores usam a técnica da tortura. Ao usarem agulhas para enfiar nas unhas de militantes; mangueiras para penetrar o ânus de sindicalistas; afogamento para asfixiar camponeses, professores, estudantes; cortar as orelhas de velhos comunas e, inclusive, ameaçar capar quem luta pela justiça e assassinar filhos e familiares, a sua técnica visa separar corpo e consciência. Pensam os frágeis ditadores que flagelando a carne, sugerindo-lhe dor, cortando as veias, a consciência do torturado pode ceder em delação, na entrega do amigo de luta à sua ganância de morte. Mas erram os ditadores: não há grade para consciência. Não há prisão para ideias, sonhos e utopias. Elas vigem e cantam; elas dançam e se multiplicam.

Erram os frágeis ditadores. Enquanto houver injustiça, desigualdade social, pobreza e fome, haverá gente querendo se libertar; grupos propondo uma nova sociedade.

Haverá os fortes, inclusive, dispendo de seus corpos para radicais mudanças.

Nunca se calando à injustiça. Esses cantaram e cantarão a liberdade, defenderão o gozo, farão festas, ainda que em grupos pequenos e alvissareiros que valem mil ditaduras.

Entregarão a sua vida à solidariedade e à luta.

Os ditadores e os séquitos são frágeis.

Os fortes lutam contra o elitismo, contra o latifúndio, contra a prevaricação dos bens públicos. Odeiam o individualismo.

Os fortes não desejam uma vida individualista.

Os ditadores e os séquitos esquecem que há história; aliás, com consciência pobre, não identificam que o sentido da história e da vida é a mudança. O ditador e os séquitos querem petrificar o que nunca será petrificado: a história. Basta uma, duas, três décadas para serem colocados em seu lugar: seres frágeis, rudes, agentes de um mundo sem amor.

Ah, eu não serei amigo de quem
defende a ditadura!

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.